

SESSÕES DO PLENÁRIO

76ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 26 de novembro de 2015.

PRESIDENTE: DEPUTADO BIRA CORÔA (AD HOC)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Invocando a proteção de Deus declaro aberta a presente sessão especial em homenagem ao Dia da Consciência Negra, proposta pelo mandato da igualdade.

Nesse ato quero convidar para compor a nossa Mesa a Srª Verônica Nairobi Aguiar, coordenadora da Rede de Combate ao Racismo e Intolerância Religiosa, da Sepromi, que nesse ato representa o governo; (palmas) convidado, com grande satisfação, a deputada federal Benedita da Silva; Srª Cléia Costa dos Santos, Procuradora do Estado da Bahia; Srª Eva Rodrigues, Sub-Coordenadora Especializada de Direitos Humanos, da Defensoria Pública; Sr. Coronel Nascimento, Diretor do Departamento de Promoção Social, neste ato representando o Comandante-Geral da Polícia Militar do Estado da Bahia, Coronel Anselmo Brandão; Ialorixá Jacira Miranda, representante do Terreiro Ilê Axé Ibá Lugan; Srª Juci Silva, Diretora Executiva do Quilombo Educacional Steve Biko; Srª Jussara Santana, representante da Coordenação Nacional de Entidades Negras do Conen; Srª Sueli Santos Souza, representante da Rede de Mulheres Negras da Bahia; Srª Deputada Estadual Maria del Carmen; registro as presenças dos deputados Aderbal Caldas e Jurandi Oliveira.

Convido o Grupo Cultural da Terceira Idade para fazer a saudação à nossa ancestralidade, com a coreógrafa Sílvia Rita.

(Apresentação musical do Grupo Cultural da Idade.) (Palmas!)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Aproveito para convidar para compor a nossa Mesa Anhamona Brito, representando e Secretaria de Justiça e Direitos Humanos.

Neste ato, quero convidar a deputada Maria del Carmem para conduzir os trabalhos da Mesa para que eu possa fazer uma breve saudação.

A Srª PRESIDENTE (Maria del Carmem):- Concedo a palavra ao proponente da

sessão, deputado Bira Corôa, querido amigo. É uma alegria, uma enorme satisfação substituí-lo enquanto V.Ex^a usa a tribuna desta Casa nesta data tão importante.

O Sr. BIRA CORÔA:- Boa-tarde a todas e todos. Quero, antes de mais nada, saudar a presidente da sessão, deputada Maria del Carmem. Antes de saudar todos os presentes à Mesa, quero mais uma vez agradecer a deputada Maria del Carmem, não apenas por estar presente, ajudando na condução dos trabalhos, mas pela cumplicidade que temos tido ao longo das nossas atividades nesta Casa.

A deputada Maria del Carmem, não me canso de dizer, permitiu que nós conduzíssemos a Comissão de Promoção da Igualdade, no final do mandato passado, quando, por uma questão de critérios, seria submetida a um rodízio, e a deputada trouxe para ela a responsabilidade de puxar a Comissão e depois me repassar para que eu pudesse conduzir a Comissão nesta Casa. Independente deste ato ela tem sido uma parceira de primeira mão e de primeira hora em todos os enfrentamentos que a Comissão tem feito nesta Casa.

Quero agradecer, del Carmem, e dizer da grande satisfação de, ao seu lado, pertencer a uma Bancada que vem construindo um novo tempo em nosso Estado e consequentemente neste Poder constituído.

Quero saudar Verônica Nairobi Aguiar, que neste ato representa o governo do Estado da Bahia, uma jovem que tem na sua história de vida uma estrada que a destaca como uma das principais ativistas e acima de tudo como mulher negra, como tantas e todas que estão aqui presentes.

Dispensa comentários, mas não consigo deixar de fazê-los ao saudar alguém que, ao longo das nossas vidas, sempre foi um referencial na nossa história de luta, na nossa identidade, acima de tudo, pela conduta ética e moral e por prezar o direito constitucional de afirmação de mulher, e de mulher negra, ocupando e disputando os principais espaços de poder e de visibilidade da nossa sociedade, e que nos prestigia com o seu nome para uma celebração que faremos nesta sessão especial na tarde de hoje: Benedita da Silva, deputada federal e – eu posso aqui dizer, Pitanga, com todo respeito – a nossa grande musa. (Palmas.) A Sr^a Procuradora do Estado, Dr^a Cléia Costa, que também na honra muito com a sua história de luta e militância. Foi quem nos permitiu consolidar no Estado da Bahia um dos instrumentos mais importantes para a afirmação negra na Bahia e no Brasil. Durante o debate, discussão e a elaboração do Estatuto da Igualdade Racial, sei que Dr^a Cléia foi uma peça fundamental, uma ferramenta importante para assegurarmos que, na concepção do governo, as conquistas do povo negro, as reivindicações e bandeiras de lutas históricas dos nossos movimentos, fossem asseguradas em nosso Estatuto, e que o Estatuto da Igualdade Racial e de Combate à Intolerância Religiosa na Bahia não sofresse as retaliações e os cortes que sofreu, deputada Benedita, o Estatuto Nacional. Sem dúvida nenhuma, a mão e o compromisso de Dr^a Cléia foram fundamentais para que o Estado da Bahia também assegurasse direitos que ora são lei em nosso Estado.

Quero aproveitar e fazer uma saudação ao coronel Nascimento, que neste ato

representa o Comando-Geral da Polícia Militar do Estado da Bahia. Ele é também um militante da nossa causa negra, do combate às intolerâncias e a todas as formas de discriminação e, conseqüentemente, do combate ao racismo. É responsável por um órgão importante dentro da Polícia Militar, Nafro-PM, e tem a sua contribuição na fundação de um instrumento importante, dentro da corporação da Polícia Militar, para as nossas lutas. Quero aproveitar e saudar todos os irmãos e irmãs da Polícia Militar, que assumem dentro da Polícia Militar a nossa religiosidade de matriz africana e fazem uma diferença significativa, que é um referencial nas nossas lutas. (Palmas.)

Quero saudar a ialorixá Jacira Miranda, Mãe Jacira, e dizer que a representatividade da religião de matriz africana vai além de um líder espiritual e vai além de uma representação religiosa, pois ela é, sem dúvida, um esteio que nos permitiu, ao longo de toda a nossa existência afro-brasileira, afirmar, cultuar e referendar a nossa religião e firmar a nossa própria identidade.

Tenho dito sempre que3 sem o candomblé e sem a capoeira não seríamos negros, baianos, brasileiros com direito ao gingado e, acima de tudo, com identidade, com direito de ir às nossas ruas. Como prova disso, vivenciamos, ao final do mês passado, mulheres tomarem o Centro Histórico de Salvador – do Campo Grande à Praça Castro Alves – para reafirmar a negritude com direito à marcha das mulheres pela reverência aos cabelos crespos.

Isso se dá graças à religiosidade de matriz africana e à nossa capoeira, como instituições pilares de sustentação. (Palmas.)

Jucy Silva neste ato representa uma organização importante e transformadora, que é a Steve Biko. Quero, igualmente, saudar e destacar a contribuição dada pela Steve Biko, cujo desígnio maior é enfrentar essas questões a partir da educação para o processo de transformação da realidade. Tal estrutura culmina, hoje, com as políticas implementadas pelo governo federal de os jovens negros, meninos e meninas, que saem das escolas públicas terem acesso, adentrarem as universidades públicas de todo o País e também toda a rede privada. (Palmas.)

Jussara Santana, não posso deixar de destacar o papel e a importância da Conen – Coordenação Nacional de Entidades Negras, no processo de conquistas. Posso dizer que, em pouco mais de 3 décadas, o Conen tem sido uma instituição estratégica, importante em nossas lutas e tem permitido o enfrentamento e a conquista de espaços antes nunca vivenciados.

Quero aproveitar, também, neste ato, para referendar a 36ª Marcha da Consciência Negra Zumbi dos Palmares, promovida pela Conen - Coordenação Nacional de Entidades Negras, que, no último dia 20, marcou o Dia Nacional da Consciência Negra na Bahia. Somado a isso, a caminhada da Liberdade, em sua 15ª edição, promovida pelo Fórum de Entidades Negras da Bahia, que partiu da Senzala do Barro Preto, no Curuzu, em direção ao Pelourinho. Como todas as caminhadas, essas têm tido um papel importante de visibilidade e de afirmação da nossa negritude no nosso Estado. (Palmas.)

As mulheres negras merecem um destaque especial no dia de hoje, deputada Maria del Carmen.

Fiquei, diante da televisão, observando o momento em que estamos vivendo. Com toda a turbulência, a elite burguesa não aceita que nós, pretos e pretas, ocupemos este espaço como poder egrégio constituído (palmas), que nós, pretos e pretas, não tenhamos o direito de ocupar as universidades, que nós, pretos e pretas, não tenhamos o direito de estar nas instâncias dos poderes. Não tivemos, sequer, políticas afirmativas com acesso à educação e com direito à saúde dentre outros aspectos que poderíamos estar citando aqui hoje. Não tivemos, ainda, o mesmo espaço no mercado de trabalho. Não somos, ainda, reconhecidos como profissionais na maioria das profissões exercidas. Refiro-me, principalmente às mulheres e às mulheres negras que ainda estão neste contexto selvagem da sociedade em que estamos vivendo.

Pude presenciar, Pitanga, mais de 20 mil mulheres negras ocuparem Brasília, dar um exemplo de que, durante o momento em que a elite burguesa tenta jogar a sociedade brasileira. Vejam, durante o momento em que a elite burguesa tenta jogar a sociedade brasileira contra um programa e um projeto que vêm transformando a realidade do nosso povo, as mulheres negras responderam com união.

Permite-se, assim, que o nosso povo tenha acesso às políticas públicas para ocupar espaços antes nunca despertados a essas mulheres em Brasília ou em qualquer outro lugar, pois elas não apenas nos representaram, mas botaram, no lugar devido, a correr as coxinhas que estão à porta do Congresso Nacional no intuito de tentar passar, para o Brasil e para o mundo, uma realidade que não é a que vivenciamos, nobre deputada Benedita da Silva. Tenta-se, ainda, resgatar um domínio militar que foi perverso e castrou o desenvolvimento brasileiro ao aniquilar a democracia do nosso País com a bandeira do retorno à ditadura militar.

Um país como o Brasil exemplifica para o mundo a possibilidade de transformar a realidade de um povo sem precisar de uma guerra civil.

Esta é a transformação que estamos vivendo com este espaço sendo ocupado.

Por isso, quero saudar Suely Santos Souza que, neste ato, representa a Rede de Mulheres Negras da Bahia (palmas) junto a mais de 20 mil mulheres que estavam lá ao dizer que as mulheres negras do Brasil reafirmam um programa político: o direito à democracia. Assim, as mulheres negras querem avançar muito mais e querem mais conquistas além das que conseguimos até aqui.

Vou-me ater a usar um pouco de ousadia, mais uma vez, para citar Mona Brito, pois esta doutora representa a ampla Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social do Estado da Bahia.

Observem, eu chamo esta doutora de Mona, porque, quando fui vereador em Camaçari, tive o privilégio de ser assessorado juridicamente por esta figura, não apenas como mulher e mulher negra, mas mulher pela dedicação, compromisso e

militância. Mona representa, neste ato, uma secretaria estratégica e importante para a afirmação de programas e projetos tão importantes para o desenvolvimento do nosso povo, especialmente das mulheres jovens do nosso Estado. (Palmas.)

Aproveito para saudar as deputadas aqui presentes. Costumo dizer que esta Casa tem, numericamente, uma pequena representação feminina. Precisamos transformar esta realidade. Temos 7 deputadas nesta Casa que representam um exército incalculável de força, dedicação e compromisso.

A deputa Fátima tem sido nosso referencial neste processo de luta assim como a deputada Maria del Carmen, a quem agradeço igualmente. Ressalto que a permanência da Comissão Especial da Promoção da Igualdade nesta Casa deve-se, também, à deputada Fátima Nunes.

Em 2007, quando chegamos aqui, esta comissão estava, praticamente, extinta, melhor, estava inclusa na relação de comissões a serem extintas. E Fátima Nunes, também, foi uma guerreira, pois, com os segmentos de movimentos sociais deste Estado e no debate nesta Casa, ela garantiu a sua permanência.

Em 2008, quando deixei de ser presidente dessa comissão, passei a presidir a Comissão de Educação, Cultura, Ciência e Tecnologia e Serviço Público e Fátima Nunes assumiu a Comissão Especial da Promoção da Igualdade. Logo, a sua permanência na comissão foi, também, estratégica e importante para garantirmos a continuidade do debate do Estatuto da Igualdade Racial dentre outras conquistas e avanços que obtivemos neste processo.

Não me alongarei muito, porque, durante as saudações, tomei quase todo tempo. Quero apenas externar que esta sessão é mais uma sessão especial que já se torna uma cultura desta Casa. Demarcamos o nosso espaço no Novembro Negro com essa referência à consciência do Poder Legislativo da Bahia.

Importante destacar que esta sessão de hoje vai além de uma sessão simbólica que representa e destaca a temática da consciência negra. Referendamos a mulher negra no contexto da sociedade atual, referenda a mulher negra em suas conquistas e nos desafios. É uma sessão que traz e reporta a esta Casa a necessidade de discutirmos equidade de gênero, a quebra do machismo e a refirmação e inclusão da mulher, em especial da mulher negra no contexto das políticas dos planos estadual e federal.

É bom destacar que foi dada entrada nesta Casa ao Plano Estadual da Educação. Nos municípios, debatemos abertamente os planos de educação em investidas muito grandes dos setores organizados da sociedade, da elite e até de setores religiosos que tentavam, e em alguns municípios até conseguiram, incutir emendas aos planos municipais, extraindo os direitos de debate e discussão das questões de equidade de gênero, de orientação sexual e de opção religiosa.

Com isso, demarcamos a tentativa de impedir que percamos os avanços democráticos e as conquistas significativas da nossa sociedade no processo da

educação. Dentre elas, a tentativa muito evidente de alterar o plano estadual. Utilizo este momento, portanto, para dizer que nós, representantes dos setores organizados da sociedade, neste Poder constituído, a Assembleia Legislativa, e os representantes do Poder Executivo Estadual, temos o olhar de aprovação para o Plano da Educação por esta Casa. Não podemos permitir que o Plano retroaja em direitos e conquistas significativas da nossa sociedade.

Por isso quero concluir, neste ato, reafirmando a nossa satisfação, hoje, 26 de novembro, não apenas em celebrar o dia 20, mas em reafirmar uma grande conquista, pensada e iniciada lá atrás, há pouco mais de três décadas, quando o Movimento Negro passou a pensar a nossa visibilidade, neste País e neste Estado, e a ocupação dos nossos espaços. E, acima de tudo, a conquista da autoestima de assumirmos a nossa negritude. Foi assim que referendamos o dia 20 de novembro como um dia de luta, como um dia estratégico para formar uma nova consciência na sociedade brasileira, para reafirmar as conquistas e os nossos direitos. Foi assim que nasceu o dia 20 de novembro para ser lembrado como o dia da negritude.

Quero mais uma vez reafirmar que nunca defendemos como um dia de feriado, por compreender que um dia de feriado seria mais um das dezenas que há nos planos municipal, estadual e federal. Seria mais um dia de ir à praia, de visitar a família, de tomar uma cervejinha e de bater uma pelada. Mas nos distanciáramos a cada ano do objetivo principal, que é reafirmar uma nova consciência e termos as nossas bandeiras ativas.

É por isso que deixamos de celebrar como um dia e passamos a ser reconhecidos como uma semana; agora somos reconhecidos como mês; e posso dizer, o mundo hoje, através da ONU, já reconhece uma década. Dezembro do ano passado foi estabelecido pela ONU a “década afrodescendente”, que se estende de 2014 a 2024.

Então, esta sessão reafirma nesta Casa esse direito constitucional de, nesta década, debatermos em todos os setores nos quais convivemos, seja na escola, no trabalho, na organização social que participamos, seja nos poderes legislativos constituídos, nos poderes executivos, nas instâncias dos diversos poderes, debatermos, nós, negros, sobre onde estamos e onde queremos estar, quais conquistas e direitos que foram assegurados e quais ainda estão por vir. Digo “ainda estão por vir”, pois acredito nessa força de organização, provada com mais de 20 mil mulheres na marcha das mulheres negras em Brasília, ocupada nas ruas de Salvador e em centenas de ruas em municípios baianos e brasileiros durante as celebrações de 20 de novembro, da quantidade de atividades ocorridas nas Câmaras Municipais pelo Estado e pelo país. Entre outras ações que têm movimentado a sociedade, posso dizer, estão por vir essas novas conquistas.

E esta sessão de hoje, além de sessão solene, estaremos referendando algumas das nossas ilustres representantes, mulheres que galgaram direitos de serem reconhecidas por suas histórias de lutas e reconhecidas com a nobreza do título Benedita da Silva, a quem mais uma vez agradeço por não emprestar, mas doar o seu nome para um dos principais prêmios que esta Casa destaca, uma simbólica

homenagem feita a mulheres.

Podemos dizer que a beleza negra é referendada num cotidiano de mulheres, lá atrás, sob a terminologia de lavadeiras, parteiras, baianas de acarajés. O último dia 25 marcou o dia das baianas de acarajé, e em nome da baiana aqui presente, quero saudar essas mulheres (Palmas.) Foram as baianas de acarajés as primeiras empreendedoras brasileiras, que tiveram a capacidade, com seu negócio, de utilizar o conhecimento religioso das suas obrigações para produzir recursos econômicos que permitiram a compra de alforria, a sua auto-liberdade, a liberdade dos seus familiares e, além disso, contribuir com a liberdade de todos nós. Foram as baianas de acarajés que contribuíram, com seus tabuleiros, para que os quilombos fossem municiados de armas, de alimentos para resistir e segurar as nossas lutas. Fatos estratégicos que não poderíamos deixar de pontuar.

Das mulheres que começaram lá atrás às mulheres que hoje ocupam as instâncias de poderes, limito-me a citar Benedita da Silva como nosso grande referencial; mulher negra que desce o morro com dignidade, respeito e altivez, olhando sempre de frente, não fugindo das suas origens e não negando a sua própria existência. E mais do que isso, reafirmando no poder maior constituído, no Congresso Nacional, entre outros postos e ações que ela desenvolveu, não citarei todos... Digo que ela é um referencial, não diferente da mãe fateira, não diferente da lavadeira, não diferente da Dr^a Cléia, não diferente de todas as mulheres que representam esta Mesa e que estão, hoje, nas instâncias de poderes constituídos do nosso Estado.

Quero dizer que este é um dia muito especial para esta Casa, para este poder constituído e para o nosso mandato. Comecei a sessão de hoje tão emocionado que eu quase não consigo compor a Mesa, porque cada sessão é uma nova sessão. Ela é regada, ela é emanada – posso até dizer – de uma energia que só os nossos inquices, orixás e lundus, além de Deus, podem nos explicar. (Palmas.) Ela transcende as nossas vontades; ela reafirma, a cada dia, o nosso compromisso e o nosso respeito.

Quero encerrar agradecendo a vocês, mulheres negras, que são mães, às vezes, pais, orientadoras espirituais, senhoras das conduções e da afirmação da nossa sociedade. Vocês permitiram manter viva a estrutura familiar; manter vivo o direito de disputa de espaços e de poderes; manter vivo, a partir da sabedoria e da capacidade de transmitir os conhecimentos, o que vivenciamos no samba. Aliás, no ato, aqui, da maioria, com a retomada do ontem com as lavadeiras do samba, da expressividade, da força de vontade e, acima de tudo, da lucidez... É exatamente com essa palavra que quero agradecer a vocês, que tem permitido que a sociedade baiana possa viver este novo momento. Em pleno século XXI, em 2016 podemos dizer: a Bahia é negra, a Bahia deve e reconhece vocês, mulheres negras. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Aproveito para convidar a capitã Edilânia Aguiar para compor a nossa Mesa, representando o Centro Maria Felipa da Polícia Militar. (Palmas.) Convido também a major Taís Trindade para compor a Mesa

(Palmas.) Quero aproveitar para destacar que, quando citei o Nafro PM, cometi uma grande falha em não destacar o Centro Maria Felipa, que, em igual condição, vem produzindo um trabalho de conscientização, de informação na Polícia Militar e tem permitido avanços significativos na forma e na metodologia de ação da corporação da Polícia Militar e na relação com a nossa sociedade.

Quero registrar a presença do deputado Rosemberg Pinto, Líder da Bancada do PT nesta Casa. (Palmas.)

Antes de passar a palavra à Mesa, quero registrar a presença de Zulu Araújo, da Fundação Pedro Calmon. Talvez Zulu não permaneça durante todo o ato. Aproveito e agradeço mais uma vez a sua presença e a sua cumplicidade em todo processo de luta nesta Casa e nas ações do Estado.

Registro também a presença do capitão Marinho. Agradeço, mais uma vez, capitão, a sua presença e a sua militância. Aproveito para fazer o registro da presença de Antônio Pitanga.

Ao longo das falas, farei o registro das presenças, para permitir, também, que a Mesa possa contribuir.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste momento, concedo a palavra à ialorixá Jacira Miranda.

A Sr^a IALORIXÁ JACIRA MIRANDA:- A bênção a todos e a todas, em especial às minhas ekedisque aqui se encontram (palmas) e a meus filhos genéticos e de santo. Uma boa-tarde para todos e todas!

Saúdo a Mesa na pessoa da deputada Benedita da Silva. Por que isso? Apesar de o meu ilustre deputado ter realizado esta sessão para nos prestigiar, é porque estamos falando hoje da mulher, e da mulher negra!

Quero dizer a todos que eu gostaria de que a minha mãe de santo, hoje, estivesse viva para ver que a sua luta e a sua resistência não foi em vão, porque hoje, eu, como ialorixá, estou aqui dentro desta Casa, que tem as pessoas, os políticos que fazem as leis. Essas leis, que muitas vezes, são chicotes que eles têm nas mãos, chicotes de veludo, porém com uma ponta de couro que dói em nossos ombros. (Palmas.)

Deputado, o meu tempo, como diz Mãe Stella, é agora. E eu vou usar. (Palmas!) Como vi a Marcha das Mulheres em Brasília porque lá estava, assim como a deputada e tantas outras que estão aqui estavam na capital também, então o que nós precisamos e o que espero é nossa inclusão, a das mulheres negras, mais e mais na política. Para isso, nós temos de ir à luta e dar força aos órgãos que nos protegem ou que pelo menos estejam nos querendo dar mais visibilidade.

Eu, enquanto mulher de santo, de axé, fico muito preocupada, né? Por quê? Porque, ao mesmo tempo que o governo se diz preocupado conosco, alguns políticos fazem leis para nos prejudicar, nos perseguir. Como? A lei que proíbe que façamos as nossas oferendas para os nossos orixás. Antigamente a Polícia ia na nossa porta, como ainda vai até hoje, né? A Sucom quando vai nas nossas casas, nos nossos terreiros quando estão em festa, é para dizer que paremos nossos atabaques, porque está

incomodando a, b ou c. Não respeitam que nós estamos ali reverenciando os nossos orixás. Então, gostaria que realmente esta sessão levasse a sério as nossas reivindicações. Sei que talvez não seja o momento, mas o meu tempo é agora. Quando vou ter outra oportunidade, né?! (Palmas, muitas palmas!)

A lei diz que não quer que sacrifiquemos animais, e nós não sacrificamos. Oferecemos aos nossos orixás. E o que é que digo do *Baby Beef*, que abate os animais bebês para servir à elite e à classe branca?! Não é?! Não sou eu! Então, o que é que eu digo?! E outros, e outros aí!

Fico muito preocupada e digo uma coisa a vocês: graças a Deus e aos orixás, nós temos hoje no comando deste País uma mulher. É uma coisa histórica termos uma mulher no comando do Brasil! (Palmas!) E por quê? Porque nós mulheres estamos sendo a cada dia mais empoderadas. Peço à SPM, Secretaria de Políticas públicas para as Mulheres, que se empenhe mais no povo de santo, porque é o povo que mais sofre a discriminação, né? Estamos vendo que, quando chegamos nos lugares para registrar uma queixa, as pessoas fazem descaso da gente. Por quê? Porque nós não temos uma delegacia especializada para nos atender. Aí, pergunto: cadê a Casa da Mulher Brasileira? O governo faz leis. Implantou a Lei nº 10.639. Sim! E quem está aplicando em sala esse programa? O evangélico. Ele não tem interesse de passar. Então, fica tudo pelo meio do caminho. Certo? E aí lá vai a nossa preocupação. Portanto, digo assim a vocês que hoje estou na luta. Tenho uma luta desde 40 anos atrás. Eu e Zulu, que somos amigos. E lhes digo que a minha preocupação não é mais por mim, e sim pelos nossos filhos, netos e bisnetos que vêm aí. Precisam ter uma clareza, uma visibilidade melhor. Nós precisamos ter os nossos direitos iguais aos do homem. E do homem branco, não é? Porque nós mulheres não temos os mesmos direitos. Nos nossos salários, em tudo de benefício, ficamos em segundo plano. Então, como diz Makota Valdina, eu não quero que me tolerem. Eu quero que me respeitem! (Palmas!) Precisamos ter uma política e eleger as nossas mulheres para elas ocuparem esse espaço, essas esferas municipal, estadual e federal. Nós precisamos de mulheres como Carolina de Jesus, Lélia Gonzalez, Benedita da Silva, Vilma Reis, Lindinalva de Paula e tantas outras!

Obrigada. E um forte axé! (Palmas!)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Com a palavra a Sr^a Lindinalva.

A Sr^a LINDINALVA:- Boa-tarde a todas e todos.

Nas últimas duas sessões eu tenho auxiliado o deputado fazendo o registro de presenças.

Peço a bênção e licença às minhas mães velhas, até por estar falando antes de algumas ebomis que estão na Casa.

Aí, início registrando a presença das ebomis Sandra Maria Bispo, Mãe Pequena do Terreiro Ilê Axé Oxumaré; a Ialorixá Lia, do Terreiro Ilê Axé Tomin; a nossa querida Nildes Bonfim, presidente do Grupo Espermacete de Camaçari; Noélia Pereira da Conceição, da Associação das Marisqueiras de Barra de Pojuca; nosso querido professor Hélio Santos, presidente do Fundo Baobá; os Filhos de Santo, do Terreiro Ilê Axé Ibá Lugan; a Equede Maria Conceição, do Ilê Axé Baba Okê, de Bom Jesus dos Pobres; Livia Ferreira, atriz do Coletivo Lesbibahia e da Rede de Mulheres Negras. E aí saúdo todas as mulheres presentes dessa Rede do Estado da Bahia; a Associação Abadeci Oman Obá; os militantes e membros da Conen-BA; o Sr. Paulo José Sacramento, membro do Conselho da Igualdade Racial, de Lauro de Freitas; a Sr^a Graça Brito, Diretora de Comunicação da Fama; o Babalorixá Jadson de Santana Miranda; Iracema Neves, da Casa de Mulheres Negras; a fotógrafa Ivone Bonfim, do CONEM-Bahia; as diretoras dos Sindomésticos, Sindicato das Trabalhadoras Domésticas; Aspiral do Reggae; o Pré-Vestibular Steve Biko; AMA - | Associação de Mulheres Ativas de Camaçari; Nafro-PM; o Bloco Ginga do Negro; Centro de Estudos dos Povos Afro-Índio-Americanos – Cepaia; Instituto Brasileiro da Diversidade – IBD; Lorena Lima, representando o mandato da deputada Moema Gramacho; o Sr. Gilberto Almeida, técnico da Coordenação de Diversidade da Secretaria de Educação do Estado da Bahia; o Terreiro Templo Mioló; o Batuque Black; Selma, representando o Quilombo de Ilha de Maré; Celso Cambuí, vereador do PT de Irecê. Depois registro as outras presenças.

(Uma senhora fala das galerias: “E o Colégio Estadual 7 de setembro!”) (Palmas.) O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Isso! (Palmas.) Correto. Aproveito para destacar a presença do Colégio 7 de Setembro. Depois vamos citar outras presenças aqui.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste momento, concedo a palavra, para uma breve saudação, a Sr^a Jucy Silva, diretora-executiva do quilombo educacional Instituto Cultural Steve Biko.

A Sr^a JUCY SILVA:- Boa-tarde a todos e todas, quero saudar a Mesa em nome das nossas Pérolas Negras, que fizeram uma belíssima apresentação, trazendo mais apoderamento para nós. Quero dizer também que, desde a Marcha das Mulheres Negras, no dia 18, estou completamente reflexiva, minha cabeça não para de funcionar. Ainda ontem, na minha turma de EJA, à noite, na Escola Municipal de Sussuarana, fiquei olhando para minhas alunas e pensando: temos muita mulher na educação de jovens e adultos e muitas delas ainda não têm direito à educação, seja por conta da violência, por conta do trabalho, por tantas coisas que tiram a mulher negra, as nossas meninas do seu curso normal educacional.

E também fiquei refletindo sobre minha trajetória de mulher negra e pensando qual foi o momento da minha vida que eu me empoderei e sai da escola pública, 10

anos depois entrei na faculdade. Mas por que entrei na faculdade? Como foi esse meu processo de entrar na faculdade? Foi justamente no momento que recebi uma bolsa de estudo em um curso de inglês e nesse curso tinham lá pessoas do Movimento Negro Unificado – MNU – preocupadas com a educação e com a vida de outras pessoas. Tinha também pessoas do Unijeocan, que na época já tinha um Curso Preparatório de Matemática, Português e Inglês que se chamava MAPRI e que empoderava as pessoas através da educação.

Então, comecei a perceber que eu poderia ir mais além, porque a escola não me disse isso, a escola não me disse que eu poderia entrar na universidade. Depois que adentrei a universidade, há 16 anos, entrei no Instituto Cultural Steve Biko, com 16 anos de trabalho voluntário, hoje, estou diretora-executiva e com a responsabilidade de empoderar mais mulheres e dizer que elas podem, em compensação àquilo que não me disseram.

Esta sessão especial é em homenagem a mulher negra, pelo Mês da Consciência Negra. Eu não poderia vir a esta Casa, que irá, daqui a pouco, votar um plano de educação, sem falar sobre isso. E dizer, também, que hoje já conseguimos levar o debate sobre as questões raciais para a escola. Muitas escolas já trabalham, não é professora Régia, colega da rede estadual?

Mas precisamos avançar, melhorar, qualificar esse debate racial e inserir com urgência as questões de gênero e sexualidade. Urgente, urgente, urgente!

Então, é com essa experiência de vida que faço esta saudação.

Muito obrigada. (Palmas.)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Concedo a palavra a Jussara Santana, que, neste ato, representa o Conen.

A Sr^a JUSSARA SANTANA:- Quero saudar a todos e a todas dizendo “vibrações positivas”, que é uma saudação que nós, enquanto comunidade rastafári, fazemos.

Quero dizer, em especial, a Benedita da Silva, o quanto ela é importante para nós. Ter esse troféu com esse nome é muito importante para cada uma de nós, mulheres.

Eu, enquanto membro da Conen... A Conen – ela é feminina: Conen, Coordenação Nacional de Entidades Negras – tem a figura muito forte de Gilberto Leal, mas tem a figura também muito forte que é de a Jussara Santana e, às vezes, as pessoas falam “o Conen”, mas é a Conen.

O papel da Conen, que completou 25 anos de existência no dia 17, é fomentar e incentivar o debate da questão racial, para que possamos empoderar cada vez mais e difundir o conhecimento. A Conen vem desenvolvendo este papel no Brasil, falar

sobre a questão racial no mundo, porque já conseguimos estar fora do Brasil.

Estar, aqui, hoje, representando esse coletivo que agrega várias entidades do movimento negro, é muito importante para a transformação. Não podemos parar de lutar! Como sou uma pessoa da cultura, sou muito mais aparecida na cultura, vou citar alguns trechos de alguns revolucionários da nossa música reggae, a qual represento.

Quando Bob Marley diz “ninguém além de nós mesmo pode libertar a nossa mente”, ele está dizendo que depende de cada uma de nós fazer a transformação. É isso que a gente vem fazendo com o nosso trabalho ao longo do tempo.

Quando o cantor Camafeu Tawá diz “fora Babilônia, eu tenho filosofia”, está afirmando que temos filosofia do nosso jeito, do nosso jeito de ser de negro, de vestir, de falar e tudo mais.

Há outro filósofo, Edson Gomes, que diz: “Eles queriam que o mundo fosse só de azul, mas nós crescemos e nos espalhamos por todo mundo”. Ele está dizendo que você é importante onde estiver.

Fizeram de tudo para exterminar o nosso povo preto, mas não conseguiram. A cada dia estamos levantando, levantando.

Este ano ficará muito marcado, em plena década do ou da afrodescendente, pela Marcha de Mulheres Negras. Eu, muito nova, participei do primeiro Encontro de Mulheres Negras, e participar, este ano, com 75 mulheres da Bahia, do nosso coletivo da Conen, foi muito importante. Estávamos lá contra o racismo, contra a violência e pelo bem viver. Portanto, não podemos esquecer a importância que essa marcha teve para a transformação do mundo para nós, mulheres negras, que mostramos o nosso protagonismo, a gente vem falando há muito, muito tempo, através de Lélia, Bendita, Cátia Melo, e outras e outras mulheres. Muitas mulheres que, se a gente for elencar, pode se perder.

Este País não nos dá essa visibilidade. E essa marcha foi para pontuar isso, pontuar que estamos aqui e que queremos a transformação. Temos, sim, uma presidenta mulher, é muito importante para nossa vida, mas a gente precisa também estar nesses outros espaços de poder assumindo a política.

Então quero agradecer por estar aqui, porque eu sou e fui uma mulher que se inspirou muito em você, Benedita da Silva. Eu nem tinha filho, agora já tenho filho, vou ser avó também, estou todo feliz porque vou ser avó. Lembro quando Benedita estava, e eu saí lá do meu quilombo, que era o Cabula, e quando eu vi aquela mulher... Aquela mulher era demais para nós, demais. Através de Benedita nós temos milhares de mulheres poderoso, valorosas que estão aqui.

Então quero agradecer a cada uma de nós por estarmos continuando na luta, a luta não pode parar, a marcha só serviu para nos impulsionar cada dia mais, porque é avante que nós vamos.

Muito obrigada. (Palmas.)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Aproveito para registrar a presença da professora Marluce de Lima Macedo, pró-reitora de Ações Afirmativas da Uneb, que neste ato representa o reitor José Bittes de Carvalho. Aproveito também para registrar a presença da Sete de Setembro, o Rute Pacheco, sempre presentes em nossas sessões.

Concedo a palavra para uma breve saudação à capitã Edilânia Aguiar.

A Sr^a EDILÂNIA AGUIAR:- Em nome do proponente da sessão, deputado Bira Corôa, saúdo a todos da Mesa e todos os presentes. É sempre um prazer estar de volta a esta Casa, o Centro Maria Filipa eu sempre o pontuo como uma vitória das mulheres policiais militares, até porque todos sabem que a corporação de policial militar ainda tida como uma atividade masculina. Isso a gente até acaba entendendo, porque a corporação é bicentenária e só há 25 anos que as mulheres foram incluídas.

O Centro Maria Filipa foi criado há cerca de 10 anos, é uma vitória, porque ele foi criado para que as mulheres realmente se sentissem incluída nesse mundo que é visto ainda como um mundo masculino. Então esta Casa sempre tem apoiado o Centro Maria Filipa em algumas atividades, é algo que eu digo que estamos caminhando. E participar de eventos como este é muito gratificante para o Centro, mesmo porque fortalece a gente. E quando estamos fortalecidas, com certeza, a tropa agradece.

Muito obrigada. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Com a palavra Sueli Santos Souza da Rede de Mulheres Negras da Bahia.

(A plateia entoa uma canção.)

A Sr^a SUELI SANTOS SOUZA:- Pois é, gente, isso dá mostra de que eu não estou aqui por mim, não estou aqui sozinha falando em nome de um grupo de mulheres que esteve presente na I Marcha de Mulheres Negras deste País, não é verdade? Junto com Zeferina, junto com Maria Felipa, junto com Lélia Gonzalez e tantas outras, mas para cumprir o protocolo quero cumprimentar a Mesa: deputado, obrigada pela oportunidade. Cumprimento as outras autoridades da Mesa e minhas colegas, minhas companheiras de militância: é um prazer grande estar aqui.

A atividade está muito bonita e a gente não poderia deixar de citar a competência da assessoria – agradecendo a Lindinalva – do deputado Bira Corôa. Temos que notificar isso. (Palmas.)

Estamos chegando de uma marcha vitoriosa. Queria que todos vocês tivessem a

oportunidade de ouvir as mulheres que chegaram dessa marcha, os seus depoimentos e o que isso significou na vida delas.

É importante ouvir as lideranças, mas é importante, também, ouvir as mulheres comuns que marcharam com a gente, fazendo um bate-volta – quase três dias de viagem – para ir até Brasília e voltarem regojizadas dizendo: “Esse foi um marco significativo na minha vida. Esse foi um grande evento que aconteceu na minha vida.”

Aqui na Bahia, particularmente, foram 2 anos ou mais de trabalho destinados para a construção dessa marcha. Foi um trabalho bonito que conseguiu congregiar diversas entidades, mulheres de todos os lugares, de todas as vertentes, de todas as categorias.

A marcha assustou um pouco. Até hoje ainda ouvimos algumas críticas, principalmente de agrupamentos masculinos que não acreditavam que a marcha aconteceria. Aqueles que estiveram conosco em Brasília venceram; mas digo àqueles que ficaram na crítica: vocês perderam. (Palmas.) E perderam feio, porque não fomos a Brasília passear, fomos apresentar uma pauta de reivindicações. Fomos mostrar a nossa indignação de mulher negra que, até o dia 18 de novembro, teve a sua luta invisibilizada. Quero dizer que não vai ser mais dessa forma e as mulheres estão aí para mostrar isso.

Eu anotei o depoimento de Gildete, que está ali sentada me filmando: Oi, Gildete. Ela disse assim: “A partir de agora, vamos mudar a estratégia de empoderamento”. É isso mesmo. Então, a Marcha de Mulheres Negras significou um marco na história deste País. Eu quero que cada um e cada uma de vocês tenham o prazer de ler o documento que foi apresentado à presidenta Dilma. Considerando o fato de que estamos entrando na Década de Afrodescendentes, proposta pela ONU, é preciso que a sociedade brasileira saiba que nós temos propostas, que temos uma análise de conjuntura bem estruturada para apresentar ao governo brasileiro.

Sabemos que um governo é passageiro. Não pudemos até agora definir o que vai acontecer para a gente nas próximas eleições, mas nós demarcamos o nosso espaço e apresentamos uma série de reivindicações e de soluções para a reflexão da sociedade brasileira.

Então, a Década Internacional de Afrodescendentes da ONU também vai ter a nossa colaboração. Vamos ter agora a reunião da Organização Latina. Então, é preciso que esse documento seja colocado.

O documento originário da Marcha 300 anos de Zumbi, que ocorreu há 20 anos, em 20 de novembro de 1995, delineou toda a movimentação e a inserção do movimento negro neste País por 20 anos. Dessa vez, são as mulheres que estão dizendo o que tem que ser feito e trazendo uma avaliação conjuntural pertinente e responsável para apresentar às autoridades deste País e apresentar à sociedade como um todo.

Assim, numa década em que se fala de afrodescendentes, também tenho que reconhecer o papel e a luta da mulher indígena, pois parece que estamos desconsiderando-as nesse processo todo. É preciso que a gente tenha uma atenção, também, particular para esse grupo étnico.

Nesta década temos alguns desafios: o primeiro desafio, para mim, é fazer com que tenhamos acesso à informação, porque a juventude precisa perceber que informação não é *WhatsApp*. Não é exatamente pelo *WhatsApp* que passam as coisas necessárias à juventude. É particularmente interessante para os poderes dominantes que a gente não tenha acesso à informação, que a gente não goste de ler e que a gente se satisfaça com as mensagens curtas e codificadas do *WhatsApp* e do *Facebook*.

Por conta disso, é fundamental o papel da educação nesse processo. Existe um projeto articulado para que toda essa movimentação passe despercebida para que a gente continue no lugar que a gente está.

É preciso também que as instituições, os partidos percebam que é preciso dar autonomia aos movimentos sociais. É uma reflexão que eu trago a partir do “assumimento” desse governo de esquerda que está aí, porque eu considero de esquerda, mas é preciso perceber também, fazer uma análise fidedigna do que são esses movimentos sociais hoje. É preciso dizer que a gente precisa de autonomia, sair das amarras que as instituições estão acostumadas a colocar, sair das amarras que os partidos estão acostumados a colocar.

Eu quero votar, eu quero ter compromisso com o meu país e compromisso com meu partido, mas eu preciso de um movimento de mulheres livre, eu preciso de um movimento negro livre, eu preciso de um movimento quilombola livre, eu preciso. (Palmas.) E tenho que fazer uma crítica direcionada ao fórum ato de entidades negras na Bahia esse ano, no ano da primeira marcha de mulheres negras no Brasil o fórum de entidades negras homenageia Lula. Nada contra, mas nós temos Maria Felipa, no ano passado nós tínhamos Carolina Maria de Jesus, (palmas) e diversas figuras anônimas que precisavam ser ressaltadas e destacadas nesse momento. Eu não estou procurando briga, essa é uma crítica construtiva e tem que ser pública. (Palmas.)

Nós somos acusadas, hoje, de tentar fazer um movimento feminino negro separatista. Isso não é verdade. Lá atrás somos nós que fomos vender os acarajés para garantir a carta de alforria de muitos homens negros. Quando os corpos tombam, assassinados pela polícia, somos nós que choramos em cima, (palmas), somos nós que ficamos com os filhos, os netos e os sobrinhos para criar. Portanto, não há como você falar de genocídio da população negra sem você falar do papel que a mulher cumpre nesse processo de extermínio. (Palmas.)

Então, está aí o desafio colocado, autonomia dos movimentos sociais e uma informação, vocês precisam de informação, porque o que passa na novela, o que passa na televisão e o que passa pelo *whatsapp* sinceramente não significa nem é produtivo para a gente.

Obrigada. (Palmas.)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Eu vou abrir aqui as falas institucionais, mas para quebrar um pouco o clima das falações quero convidar a nossa grande companheira e cantora Rebeca para que faça uma apresentação rápida aqui para a gente. (Palmas.)

É bom destacar que desde o primeiro ano que eu estive nesse mandato, 2007, Rebeca foi sempre uma colaboradora, e todos os eventos que a gente realizou aqui, para não dizer, se não todos, mas na grande maioria dos eventos realizados nesta Casa nós fomos abrilhantados pela sua voz, pelo seu toque feminino, mas, acima de tudo, firme de definir a vida.

A Sr^a Rebeca:- Boa-tarde a todos e todas. Para mim é um prazer imenso continuar contribuindo pois essa luta é nossa, essa luta é minha, é de vocês, é dos nossos ancestrais. Fico muito feliz em ver que esta pauta é prioritária, deputado, é prioritária para V.Ex^a e para toda a sua assessoria.

E quero parabenizar o deputado Bira Corôa, em nome de Lindinalva de Paula, que é uma grande referência para mim, uma pessoa que tem uma participação, dentro da minha construção de militância, muito forte. Quero dizer para vocês que eu gostei muito da fala de Sueli, da inclusão da mulher indígena, de exaltar, de respeitar, de valorizar e também de trazer à luz da história o papel da mulher negra dentro da construção deste país, dentro da formação. Eu costumo dizer que a mulher negra é quem gerou o mundo e quem faz girar. E para começar, gostaria de fazer um canto saudando Iemanjá, que é uma grande ancestral nossa, que é um símbolo de mãe, que amamenta seus filhos, mesmo sem ter gerado. (Apresentação musical.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Concedo a palavra, neste momento, a Anhomona de Brito, que neste ato representa a Secretaria de Direitos Humanos.

A Sr^a ANHOMONA de BRITO:- Boa-tarde a todos. Antes de saudar esta Mesa valorosa e também este plenário repleto de representações que, efetivamente nos representam, e isso não é redundância, acho que vale a pena, Bira, já que V.Ex^a deu a deixa, complementar a apresentação.

Chamo-me Anhomona de Brito, o nome é bem peculiar, muita gente me conhece por Mona Brito, como V.Ex^a afetosamente me chamou aqui. Anhomona significa esperança em guarani. Sou professora de Direito da Universidade Estadual da Bahia, Uneb, do campus de Camaçari. Tem, inclusive, uma capitã, uma das capitãs da Mesa, que é minha aluna no campus 19: a capitã Taís Trindade. (Palmas.) Aluna exemplar, diga-se de passagem. Estou na condição de superintendente de Apoio e Defesa da Secretaria da Justiça Direitos Humanos e Desenvolvimento Social do Estado da Bahia. Na superintendência, temos um trabalho desenvolvido em atendimento a muitas das populações estratégicas que em variadas vezes nós nos enquadrados,

peessoas traficadas, ameaçadas de morte, exploradas, vítimas de abuso sexual de toda sorte, vítima de trabalho escravo, que ainda existe em nosso País, de mulheres indígenas, população LGBT, criança e adolescente, juventude e pessoa idosa. É esse o público, a população estratégica que atua de modo mais próximo a nós da Superintendência de Apoio e Defesa dos Direitos Humanos.

Feita essa apresentação, aí sim, cumprimento de modo carinhoso a Mesa, nas pessoas dos Srs. Parlamentares e Sr^{as} Parlamentares, melhor dizendo, que nos representam e propuseram esta sessão. O deputado estadual Bira Corôa, a deputada Maria del Carmen, até poucos instantes estava aqui a deputada Fátima Nunes e também o deputado Rosemberg Pinto, Líder do governo aqui, nesta Casa. Sabemos muito bem com quem contar aqui, e essas são as que invariavelmente mais devemos cobrar. Na certeza de que esta Casa, este espaço é estratégico para a garantia dos nossos anseios e necessidades.

Não posso deixar de saudar de maneira especial, fazendo uma referência ao cargo mais relevante para nós, mulheres negras, a governadora do Rio de Janeiro Benedita da Silva, a vice-governadora do Rio de Janeiro Benedita da Silva, a ministra do governo federal Benedita da Silva, quatro vezes deputada federal Benedita da Silva, duas vezes senadora da República Benedita da Silva, nossa Bené, mulher negra que nos representa, exemplo a inspirar os passos de milhares de milhões de mulheres negras, não apenas no Estado da Bahia, mas em todo o Brasil. (Palmas.) Muito obrigada, Benedita da Silva, por estar aqui conosco, nesta sessão, servindo não apenas como uma representação importante, mas motivadora de inspiração de caminho a ser trilhado por todas nós. Muito obrigada. (Palmas.) Esta sessão tem para nós, principalmente para as representações de governo, as sessões especiais e as discussões parlamentares que dizem respeito a nós, população negra, trazem para nós homens e mulheres, negros e negras, que estamos nos movimentos sociais, no Parlamento, nas esferas de governo nos variados cargos, em todos os espaços, uma responsabilidade diferenciada. Sobretudo, professor Hélio Santos, quando estamos num momento divisor de águas no campo da política e da economia não apenas no nosso País, mas no planeta.

Este é um momento de disputa do modelo de desenvolvimento econômico que vai obviamente determinar quem terá mais ou menos fatia de bolo, mais ou menos oportunidade, mais ou menos direitos garantidos em todos os espaços. Não vejo, deputado Bira, as sessões especiais, assim como V.Ex^a, como apenas referências simbólicas para nós, povo negro. Não são. Num país dividido, num país de conflitos bem delimitados, num país em que a corda está sendo tencionada é importante que reflitamos quais são as estratégias, quais são as questões caras para que garantamos essa guinada ascendente de conquistas para a população negra em nosso país.

Não podemos desconsiderar que ainda há um sentimento coletivo, sim, de frustração no que diz respeito à fusão das Pastas conquistadas, enfim, numa articulação com os movimentos sociais, tendo como referência hoje o Ministério das Mulheres, da Promoção da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos.

Até mesmo por isso, é fundamental que coloquemos à mesa e levemos em questão o que nos resta, o que está colocado para nós, na Bahia de modo particular, para tratarmos de modo mais próximo, “consensuarmos”, fecharmos questão na nossa caminhada política de disputa por uma sobrevivência e, mais do que isso, por dignidade e inclusão da população negra em nosso Estado.

Creio, deputados e deputadas, colegas das mais variadas representações, que neste momento de delicadeza no campo da Economia discutirmos qual é mesmo o montante do orçamento racial, professor Hélio Santos, é fundamental. O Estatuto da Igualdade Racial prevê inclusive que na esfera da administração federal, ao longo dos últimos 10 anos após a sua sanção, a gestão pública deveria determinar o quanto iria para nós, qual seria o recorte financeiro da inclusão de negros e negras no País.

Pós-vigência do Estatuto da Igualdade Racial da Bahia, é fundamental que estabeleçamos esse diálogo com o Parlamento, que dialoguemos de modo mais aprofundado com os parceiros e as parceiras de governo, de maneira a pensarmos no quanto vai mesmo para nós, reconhecendo até que este é um momento de delicadeza na Economia. E que nós do governo estamos segurando de forma austera o nosso pagamento, tudo que temos de encaminhar, porque não é um momento de facilidade no setor econômico. É difícil. Só que no cenário da dificuldade as disputas existem, os diálogos, as definições de prioridade.

Por último, acho que, para além desse diálogo que tem a ver com a cor, sim, do orçamento, definindo estratégias novas para o porvir, para 2016, os próximos anos, é fundamental que a gente coloque no rol de prioridades a questão que está sempre presente nos nossos diálogos, em todas as frentes: ela diz respeito às mortes dos jovens negros em nosso País. (Palmas!) Isso há de requerer novos arranjos, novos ajustes!

No domingo, professor Hélio Santos, eu estava conversando com o nosso colega e amigo querido Mário Theodoro, que veio à Bahia participar da sessão especial do Senado realizada em Lauro de Freitas. A gente jantava, conversava um pouco, e Mário me dizia: “Mona, eu acho que está na hora de darmos uma centralidade ou pelo menos governo, sociedade civil, Poderes constituídos, movimentos organizados pensarmos quais são as estratégias para visibilizarmos as vozes das mães que perderam seus filhos ao longo dos últimos anos, sobretudo de forma a pensar com elas e demonstrar ao Poder Público o elevado grau dessa missão. Onde é que está, enfim, esse peso para pensarmos com elas as estratégias, os arranjos possíveis para revertermos esse doloroso quadro.”

Depois a gente conversa sobre isso, porque Mário trouxe algumas ideias. Quero também conversar com o deputado Bira e outros colegas.

Concluindo, deixo aqui um forte abraço da nossa equipe da Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social, um forte abraço do secretário Geraldo Reis, nosso companheiro G2, dizendo que estamos à disposição de todos e todas para construir e contribuir para um País e uma Bahia mais justos para todas as pessoas.

Portanto, para que respeitem e garantam também os direitos das pessoas negras, das mulheres negras em nosso Estado.

Muito obrigada. (Palmas!)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Com a palavra a Sr^a Lindinalva.

A Sr^a LINDINALVA:- Bem, faço, agora, mais alguns registros de presenças como Diogo Dias do Fórum da Juventude Negra; Ives Pires, secretário de Organização do PT de Camaçari; a nossa equede e diretora Jailene Nascimento; a Associação Religiosa de Cooperação entre Terreiros; a gestora Sr^a Ana Bispo, presidente da Associação Flor de Lótus e presidente da Associação de Marisqueiras e Pescadoras de São Francisco do Conde; a nossa querida companheira Gildete, analista de Desenvolvimento da Sucop; a professora, parceira e amiga Régia Ribeiro; os alunos do Colégio Estadual Ruth Pacheco; a nossa querida cantora Rebeca Tárique; Grupo Cultural da Melhor Idade; coordenadora PCRI da Educação de Camaçari, Linda Baido; Marisa de Carvalho, artesã e *backing vocal* do Pelourinho; Lucineia, diretora estadual do MST; Sr. Marcelo Cerqueira, presidente do grupo GGB da Bahia, aqui representando o mandato da deputada Fabíola Mansur.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste momento, passo a palavra a Dr^a Eva Rodrigues, representando a Defensoria Pública do Estado da Bahia. (Palmas.)

A Sr^a EVA RODRIGUES:- Boa-tarde a todos.

A minha fala será muito breve.

Deputado, eu gostaria de, mais uma vez, agradecer este convite que é, sempre, renovado à Defensoria Pública para estar presente aqui nesta Casa.

Gostaria, também, de agradecer por poder presenciar este momento e por poder presenciar aquela cena que me emocionou muito, pois foi uma cena que me deixou muito feliz por estar aqui e poder vivenciar este momento.

A Defensoria Pública do Estado da Bahia tem muito desafios, pois, inclusive, a carta entregue, em 18 de novembro, durante a Marcha da Mulher Negra, cita, expressamente, a necessidade de se criar, na Defensoria Pública, núcleos especializados para tratar das questões raciais.

Sei que a questão racial, ainda, precisa enfrentar muitos desafios. Quanto aos desafios, eles são muitos e não são fáceis. Mas a Defensoria Pública coloca-se, sempre, à disposição para poder enfrentar esses desafios em conjunto com vocês.

Muito obrigada a todos. (Palmas.)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Passo a palavra a Dr^a Cléia Costa Santos. (Palmas.)

A Sr^a CLÉIA COSTA SANTOS:- Boa-tarde a todos e a todas.

Neste momento, peço licença da palavra ao mais velho ou a mais velha, participantes desta sessão especial, a quem eu devo o meu trabalho; e ao mais jovem, a quem eu devo o meu exemplo. Desta forma, sirvo de elo intergeracional para podermos ter um mundo melhor. Vejam, o fato de não se esquecer de uma geração anterior nos permite ir adiante e nos forjar o encaminhamento para a geração seguinte.

Saúdo a Mesa. Peço licença para saudar, especialmente, o nosso deputado estadual Bira Corôa ao dizer que ele é um homem e, apesar de ser como muitos homens do Brasil, ele entende que é da composição de igualdade entre homens e mulheres que nós teremos uma sociedade justa. Então, por esta compreensão principalmente, saúdo, assim, a toda a Mesa. Espero que, hoje, a sineta não toque, porque quando se fala com o coração as palavras são poucas. É muito emocionante estar aqui e compreender que esta é uma aula pública. E todas as vezes em que estamos aqui, nós acrescentamos conteúdo às nossas vidas reflexivas.

Os estudantes, aqui presentes, estão com uma oportunidade de ouro. Esta é uma aula que gostaríamos de ter todos os dias, pois há música, há felicidade, há ensinamentos dos nossos mais velhos em salas de aula, há a escuta de pessoas que, ao longo de suas vidas, como representações religiosas ou políticas, dedicam suas vidas ao outro. Esta, para mim, é a grande lição que as mulheres negras dão para a sociedade brasileira.

Aliás, nós não devemos falar eu, falamos nós.

Para a composição do movimento, nós levamos a discussão que tudo que passa pela mulher negra, passa pela organização da família, pela matriz que cuida, pela matriz que limpa e pela matriz que salva com suas folhas.

Ao contrário de estarmos fazendo o divisionismo numa luta, na medida em que a mulher negra foi para o movimento feminista, ela foi dizendo que não estava, ali, falando em nome próprio mas em nome de todos os que precisavam de representação. Esta, talvez, seja uma compreensão difícil para uma elite formada a partir do francês ou da exportação do francês e de toda uma ideologia individualista.

Nós falamos, sempre, no coletivo.

E, ao falar no coletivo, para mim, esta é a grande marca que o movimento negro e o movimento feminista negro deixam de contribuição, pois todos os dias contribuem com a sua própria vida, uma vez que há um detalhe muito importante que a gente

revela.

Por isso, hoje, estou, aqui. Nasci preta. Poderia ter nascido rica ou pobre. No entanto, esta não é a questão. Nasci preta e continuei preta nos lugares em que estou. E quando estou nesses lugares, seja de poder ou não, nos supermercados, no exercício do meu trabalho, por estar preta, levo a representação de toda uma raça.

Esta é a importância de saber que cada lugar que você ocupa não é para si mas para fazer uma fala nova, a fim de ocupar para dizer “tudo bem”. Até agora, o Estado brasileiro, com as suas leis, já fez algo. Não queremos contrariar essas leis, mas queremos melhorar ou tirar o expurgo racista que ela possui. Esta lei, até hoje, foi interpretada desta forma.

Mas, a partir de amanhã, pelos ensinamentos que recebi, pelas aulas do professor Hélio Santos, por tantas outras aulas que, ao longo da vida, fui tendo, posso reinterpretá-las e posso dizer que não é abundância.

Construí o Estatuto da Igualdade Racial que, até hoje, ainda, tem sido objeto de desconfiança nas esferas de governo para dizer o seguinte: existem mulheres negras! Ora, é óbvio? É. Mas a lei não sabia. Existe, sim, a questão da juventude negra.

Existe, sim, um problema constituído não só com relação à juventude negra que estamos perdendo nas ruas, mas também com as vítimas maiores de toda essa luta que são as mulheres negras mães desses negros que morrem nas ruas.

E todas essas questões estão inseridas no Estatuto da Igualdade Racial.

Agora, precisamos reler as outras leis a partir deste código central ou desta matriz que é discutir e expurgar do processo de organização social a visão única. Vejam, não que esta visão esteja errada ou certa, mas, até então, ela foi a única. Agora, esta visão precisa ser multi e esta visão precisa ser diversa.

A visão precisar pensar e reconhecer todos os grupos formadores deste País: a raça negra. Os negros vieram para cá e foram transformados em escravos. Mas esses negros não eram escravos, eles eram negros ferreiros, artesãos, médicos, cientistas. A África exportou, para o mundo, muitos cientistas, pesquisadores. No entanto, não se disse isso na história brasileira!

É só isso que estamos precisando, ou seja, fazer uma recontagem desta história, onde hajam todas as tribos indígenas, todas as descendências africanas que aqui chegaram, porque não foi uma apenas, nem de um lugar apenas, nem de uma cultura apenas e tampouco de uma identidade apenas.

Por conta desses detalhes importantíssimos, ainda não somos nação, mas nós seremos, porque não estamos brincando. Estamos falando sério em todos os lugares a que chegamos. E como protestamos para que este País seja melhor!

Agradeço, mais uma vez, pela oportunidade de estar aqui.

Quero dizer que, sempre, que o deputado estadual Bira Corôa me faz o convite, posso ter outra atividade, mas venho, porque eu saio ganhando.

Quero registrar, neste momento, que eu e todas as mulheres negras da minha geração crescemos esperando aquele um segundo em que a *Globo* registrava a imagem de Benedita da Silva, porque eram poucos momentos, mas eram marcantes.

Vim de uma escola cuja diretora, negra, tirava os sapatos altos todos os dias ao chegar, porque sabia que era uma imposição francesa, calçava as sandálias, saltava os cabelos – porque ia com os cabelos amarrados – e visitava, de sala em sala, todos os alunos, que a recebiam de pé. Ela dizia: “Vocês podem, esta terra é nossa”.

É isso que quero dizer, principalmente, aos nossos mais jovens, que estão nesta caminhada também. Vocês podem.

Muito obrigada. (Palmas.)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr^a Mestre de Cerimônias (Lindinalva):- Mais alguns registros de presença: o grupo jovem Nosso Lugar no Mundo; Vanessa Pinheiro, representando o vereador Sílvio Humberto; Cleonice Campos, subsecretária da Educação de Camaçari; Patrícia Santana, da Bereguedê Comunicações; nosso cantor de *reggae* Camafeu. Mesmo que o rádio não toque, mesmo que a TV não mostre, estamos aqui cantando *reggae*, Aleluia Jah.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Concedo a palavra a Verônica Nairobi, que representa a secretária da Promoção da Igualdade do Estado da Bahia, Vera Lúcia Barbosa, e o governo do Estado da Bahia, a pessoa do governador Rui Costa.

A Sr^a VERÔNICA NAIROBI:- Gostaria de pedir licença e bênção à ialorixá Jaciara Ribeiro, e na pessoa dela cumprimento também toda a Mesa.

Eu estava conversando com o deputado Bira Corôa sobre a quebra de protocolo, e ele me perguntou se eu poderia falar antes da deputada Benedita da Silva, que conheço como Bené. Imagine quanta ousadia! É lógico. A deputada Benedita é uma pessoa cujos passos eu sigo, ela me representa, me fortalece, me revigora, e em cada dia que estou com ela me sinto emocionada. Estar aqui, neste momento, para mim é motivo de grande emoção.

Quebro o protocolo por estar aqui representando o governador do Estado e a secretária Vera Lúcia. Eu o estou representando, mas preciso dizer quem sou. O deputado me apresentou como Verônica, mas prefiro ser chamada de Nairobi Aguiar, por uma questão de pertencimento étnico-racial. Esse foi o nome dado por minha tia, Ana Meire Aguiar, o qual utilizo na minha trajetória política.

Quero dizer que sou Nairobi Aguiar, criada por avós e mães negras, pela minha comunidade, da qual tenho grande referência. Sei exatamente, minha coordenadora Juci... Estou um pouco emocionada, porque estou contagiada ainda depois da marcha, pelo momento histórico, pelo marco histórico que estamos construindo. Na verdade, entendo até que isso vem de antes da Marcha das Mulheres Negras.

Sei muito bem de onde venho e como começou, para além dos cuidados e formações com minhas avós, com minha mãe, mas a Steve Biko, para mim, foi o ponto de partida. Foi na Steve Biko que aprendi a me reconhecer enquanto mulher negra empoderada e que podia ir além da escola pública. (Palmas.) Ocupei a universidade e hoje estou ocupando um espaço institucional governamental. E muito me orgulha também estar hoje, aqui, representando uma mulher negra e sem-terra, a minha secretária: Vera Lúcia Barbosa.

E é em nome dela que venho aqui dizer que também nós, do governo do Estado, o nosso governador Rui Costa assinou um decreto, conforme orientação da ONU, Organização das Nações Unidas, seguindo as linhas da Década Internacional da Afrodescendência, que prevê construir políticas públicas, ações voltadas para a população negra. Esperamos que, com essa política pública, sem dúvida nenhuma, possamos sentar, organizar e pensar estrategicamente junto com a sociedade civil como um todo, governo e sociedade. Hoje, a sociedade compõe, inclusive, com a gente um grupo de trabalho que Lindinalva está participando.

Aproveito para parabenizar o deputado Bira Coroa e estender os parabéns à Lindinalva Barbosa, que chamo carinhosamente de Lindi. Ela vem desenvolvendo um trabalho muito competente aqui na Alba. Com esse grupo de trabalho estamos centrando para regulamentar o Estatuto da Igualdade Racial para utilizá-lo como instrumento de poder para mulheres negras. O Capítulo VII fala especificamente das mulheres negras.

E que nessa década, de fato, possamos construir mais reconhecimento, justiça e oportunidade para nós mulheres negras.

Obrigada e boa tarde para todas. (Palmas.)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Estamos chegando quase ao fim, mas é bom dizer que ainda temos uma homenagem a ser realizada no dia de hoje. Após a próxima fala, abriremos a palavra às homenageadas.

Neste exato momento, convido para fazer uso da palavra a deputada Benedita da Silva, nossa companheira que inspirou tantas e tantas lutas e que referenda a nossa existência no Parlamento Federal.

A Sr^a BENEDITA DA SILVA:- (A Sr^a Benedita da Silva canta da tribuna) (Palmas.)

Boa tarde para quem é de boa tarde, boa noite para quem é de boa noite, a paz do senhor para quem é da paz do Senhor, axé para todo mundo. Quero começar agradecendo a Deus por estar, mais uma vez, aqui com você, deputado.

Não é verdade que emprestei o meu nome V.Ex^a tem-me honrado todo esse tempo. Foi com muita emoção que recebi o seu convite para me prestar essa

homenagem, colocando o nome Benedita da Silva no troféu. Isso é uma honra, isso é uma benção, e eu sei disso, e por isso estou aqui.

Estou muito rouca, queria cantar melhor, tenho uma tosse que não vai embora. Minha irmã foi operada hoje, na verdade nem sei se já foi operada, mas não podia deixar de estar em Salvador com o meu bonitão, Pitanga. A minha paixão pela Bahia começou por ele, não é, gente?! Tenho que respeitar.

Gostaria de agradecer muitíssimo a você, deputado. Num determinado momento, cumprimos, automaticamente, o dever que temos de cumprir, mas um deputado, um dia, ligou-me e perguntou se eu aceitaria... “Claro que aceito! Claro!” Aceito porque também sei do seu compromisso, deputado, sei do seu compromisso com a causa, sei do seu brilhante mandato, e é preciso que alguém diga que o seu mandato tem um compromisso que vai além da simbologia das homenagens. É um mandato que podemos contar nos dias bons e ruins, todo e qualquer segmento que se sinta discriminado pode contar com esse mandato para buscar o apoio necessário para a sua caminhada. Por isso, não é a toa que você tem no nome uma “coroa”. Essa “coroa” é de honra, essa “coroa” é de glória, essa “coroa” é merecedora de um rei negro. (Palmas.)

Além de cumprimentar enfaticamente o nosso deputado Bira Corôa, também quero cumprimentar Verônica Nairobi Aguiar, Cléia Costa dos Santos, Eva Rodrigues, Coronel Nascimento, capitã Edilânia Aguiar, capitã Taiz Trindade, yalorixá Jacira Miranda, Jucy Silva, Jussara Santana e Sueli Santos de Souza. Queria também cumprimentar o meu querido professor Hélio Santos, sempre amigo e companheiro, que também está conosco. Cumprimento também as senhoras e os senhores. (Palmas.)

Penso que agora é o momento de recebermos as nossas homenageadas. Quero crer que todas aquelas e aqueles que estão participando desta cerimônia sabem desse compromisso. Para nós o Novembro Negro é muito mais do que as homenagens e as manifestações que temos tido, porque somos negros nos 365 dias do ano. Nos 365 dias do ano estamos na nossa militância. Independente dos nossos partidos, da nossa religiosidade e do nosso sexo nós estamos, cotidianamente, na luta, basta que tenhamos a pele negra. E é isso que faz com que haja uma unidade em nós e que a gente, de mãos juntas, todos nós busque, sem dúvida nenhuma, aquilo que é do interesse de nossas comunidades, sobretudo, irmanados na mesma fé, que é a fé de andar, de caminhar e de fazer juntos a diferença. Estamos vivendo um momento difícil na história do Brasil. Não é só uma crise econômica! Estamos vivendo também um momento em que o ódio, em que a raiva tem aflorado de tal forma que nos deixa, que deixa... Aqueles que já estão na militância e que sempre acompanham os momentos do Brasil sabem perfeitamente que nós não estamos vivendo o melhor momento, mas podemos fazer deste momento o melhor momento para nós. Para nós que acreditamos, para nós que temos fé, para nós que sabemos que estamos construindo ainda nesta terra um espaço de direito do nosso povo e dos nossos filhos... Somos nós – já ouvimos aqui – que deitamos sobre os nossos cadáveres, sobre os cadáveres da nossa juventude. Somos nós que vemos esfarrapados nas

calçadas das ruas. Somos nós que estamos assistindo a cada dia a discriminação por religiosidade, pela cor da pele, por orientação sexual. Parece que não somos mais humanos! Parece que não nos incomodamos com a dor do outro, como se ela não fosse bater nas nossas portas. Estamos convivendo com muito ódio, e cabe a nós que viemos do açoite, que viemos da senzala e conseguimos construir uma sociedade... Uma sociedade, sim! De nossa parte é uma sociedade igualitária, uma sociedade de direito, uma sociedade de fraternidade! Quem criou, quem implantou na nossa nação fomos nós, com as marcas dos açoites, com a amamentação dos filhos daqueles que cruelmente nos levavam para o tronco. Então, somos nós também que, no momento da crise, temos de pensar naquilo que acreditamos e fazer um Brasil bem diferente.

É por isso que eu, de forma nenhuma, não poderia deixar de estar aqui com o meu companheiro Bira, porque esse é um grande momento. Estamos aqui depois de uma grande marcha, da Marcha das Mulheres Negras. Muitos não acreditaram, foi uma coisa extremamente difícil. Eu, de minha parte, sofri com a coordenação, do estado do Rio de Janeiro, as agonias do momento da chegada em Brasília, mas nós, mulheres, chegamos, mas nós, mulheres, acontecemos, nós, mulheres, dissemos não apenas para o governo federal, mas para a nação brasileira e para além das fronteiras do Brasil que nós, mulheres negras, queremos direitos, queremos respeito e que não aceitamos nenhum recuo naquilo que já conquistamos.

Quero finalizar dizendo: sabe, Bira, tenho vivido dias de lágrimas, mas quando eu vi aquelas mulheres negras chegando em Brasília, aquilo renovou as minhas forças! Fiquei animada! Cícera, minha chefe de gabinete que está aqui comigo, e os outros disseram: “Ela esqueceu a dor!” Ando com umas dores horrorosas! “Ela esqueceu tudo!” De repente, fui marchar! Eu fui para a marcha!

Tinha planejado um carro, coloquei o motorista e disse: “Eu ando um pouco. Depois entro no carro.” Que nada! Eu estava ali marchando com a força, a energia, a garra da mulher negra vitoriosa, que estava ali para dizer “Cheguei! Por favor, me reconheçam!” Isso foi muito importante.

Quero que vocês saibam que a luta que nós travamos juntas, independentemente dos Estados em que moramos, é que faz com que as poucas Beneditas da Silva que há lá no Congresso Nacional possam erguer a sua voz.

Vocês precisam saber que precisamos de vocês! Vocês precisam saber que o Brasil precisa de vocês! Vocês precisam saber que vocês fazem a diferença! Vocês precisam saber que este não é um ato qualquer! Não! Eu vi aqui as mulheres dançando, e a gente dança na vida! E como dança! Vi mulheres cantando! E como a gente canta na vida! A gente canta pranto! A gente canta o nosso choro! Mas a gente também tem, sobretudo, o prazer de cantar as nossas alegrias! E é isso que Bira faz neste momento às agraciadas que aqui vieram. Muito, mas muito, muito, muito, muito obrigada por me darem esta oportunidade na tarde deste dia!

Que Deus nos abençoe!

Um beijo no coração de cada um! (Palmas, muitas palmas!)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Nós, é que agradecemos, como sempre, à Benedita da Silva.

Eu quero neste momento convidar para receber uma homenagem do mandato e - por que não dizer? - desta Casa, como identificação em reconhecimento da atividade laboral e do Destaque Pérola Negra, Benedita da Silva e a Thais da Conceição, que representa o Grupo Espermacete em Camaçari.

As deputadas Maria del Carmen e Benedita da Silva farão a entrega desta homenagem. Como Thais da Conceição não se encontra, convido a grande regente do Grupo Espermacete, D. Nildes, a quem me curvo pelo trabalho que faz com jovens numa comunidade rural do município de Camaçari, para recebê-la. (Palmas!)

Espermacete é um grupo cultural que desenvolve com crianças um trabalho cotidiano, mantendo viva a nossa cultura do samba de coco, do samba de roda, da Chegança, da Marujada, entre outras manifestações culturais típicas do nosso Estado.

Quero convidar também a Ialorixá Jacira Miranda, para receber, também, das deputadas Benedita da Silva e Maria del Carmen essa honraria. (Palmas.)

(Entrega da homenagem)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Convido, em nome do Centro Maria Felipa da Polícia Militar, a capitã Edilânia Aguiar para receber a homenagem. (Palmas.)

(Entrega da homenagem.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Convido Dr^a Cléia Costa Santos para receber a homenagem. (Palmas.)

(Entrega da homenagem.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Convido Jussara Santana, representando a CONEN. (Palmas.)

(Entrega da homenagem.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Convido Negra Magna, da Associação de Mulheres de Camaçari. (Palmas.)

(Entrega da homenagem)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Convido Jucy Silva, diretora executiva do quilombo educacional Steve Biko. (Palmas.)

(Entrega da homenagem)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Algumas homenagens são muito especiais e essa quero fazer em nome desta Casa a alguém que, no dia de hoje está fazendo

aniversário e que sempre contribuiu para todos os eventos que realizamos aqui. Em nome do Cerimonial desta Casa, quero convidar Rita Araújo. (Palmas.)

(A Sr^a Rita Araújo recebe a homenagem.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero convidar Cleonice Campos para, também, receber essa homenagem e também destacar alguém que, ao meu lado me permite enfrentar as lutas. (Palmas.)

(A Sr^a Cleonice recebe a homenagem.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Ainda temos duas a ser entregues, uma é muito especial, porque é para quem nos permite fazer desse troféu uma marca nesta Casa, que é a nossa deputada Benedita da Silva. (Palmas.)

(A Sr^a Benedita da Silva recebe a homenagem.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Eu e a Rede reafirmarmos os laços de unidade e de força. A Rede fez uma opção de não ter uma mulher identificada no partido e todas as mulheres daqui da Rede receberem conjuntamente essa identificação.

Então em nome da Rede, dessa luta e do trabalho que essas mulheres negras vêm desenvolvendo ao longo das nossas vidas e, com certeza, pelas bandeiras ainda empunhadas nos desafios que a sociedade ainda nos oferece, queria convidar todos os representantes da Rede de Mulheres Negras da Bahia para aqui receber da mão da deputada Benedita da Silva. Vou descer também junto com Maria del Carmen, nossa deputada, e também com a deputada Benedita da Silva, quebraremos também o protocolo e entregar conjuntamente a homenagem e logo em seguida encerraremos. Aproveitamos para convidar a todos para um coquetel no Salão Nobre aqui ao lado. E vou descer agora para tirar essa foto.

Essas são as mulheres que estão marchando no Estado da Bahia, construindo uma nova política, em nome da Rede de Mulheres Negras. (Palmas.)

(Todos em nome da Rede de Mulheres Negras da Bahia tiram foto junto com o deputado Bira Corôa.) (Palmas.)

(Apresentação musical com Rebeca Tárique.) (Palmas.)

A Sr^a Rebeca Tárique:- E viva as mulheres negras! Viva a Benedita da Silva! Muita honra, muito orgulho, é referência para nós. Saiba que a juventude sai munida daqui. Se vocês precisam de nós, precisamos das nossas referências não só as ancestrais, mas as que estão em vida. Contem conosco porque precisamos de vocês nesses espaços. Muito obrigado, querido deputado, estamos juntos sempre! Muito Axé.! (Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Convido a todos para participar de um breve coquetel no Salão Nobre aqui ao lado.

Em nome do Poder Legislativo do Estado da Bahia, agradeço a presença das

autoridades civis, militares e eclesiásticas, dos Srs. e Sr^{as} Deputados, da imprensa. Antes de declarar encerrada a sessão, convido a todos, em nome da deputada Maria Del Carmen que coordena a Comissão de Desenvolvimento Urbano nesta Casa, para a audiência pública, segunda-feira 30/11 às 9h30min, com o tema Direito à Cidade na Perspectiva das Mulheres Negras.

Declaro encerrada a presente sessão, agradecendo a presença de todos e todas, aos servidores desta Casa; ao cerimonial, em nome de Rita que hoje aniversaria; aos colaboradores dos nossos mandatos que nos permitem realizar as nossas atividades; em especial a todas as mulheres negras presentes no dia de hoje e aquelas que não puderam estar aqui em corpo, mas em espírito estiveram fortalecendo cada vez mais as nossas ações.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-parlamentar/sessoes-plenarias.php>. Acesse e leia-as na íntegra.